LITERATURA INFANTIL INDÍGENA: KUBAI, O ENCANTADO[1]

RAQUEL RAMOS[2]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0001-8596-1385

CLAUDIA RODRIGUES DE FREITAS[3]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0002-7105-8539

MAUREN LUCIA TEZZARI [4]
SMED-PORTO ALEGRE, BRASIL
https://orcid.org/0000-0001-6060-9107

JERUZA SANTOS NOBRE [5]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0003-1827-9348

RESUMO: *A literatura infantil indígena faz parte do patrimônio cultural do país e pode/deve ser oferecida às crianças de todas as culturas. O caminho das histórias é trilhado desde a criação do mundo e lhes chegam quando contadas pelos mais velhos O presente artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla e tem como objetivo destacar e analisar, de maneira sintética, o que vem sendo produzido em literatura infantil indígena, culminando na elaboração de uma história infantil indígena com tradução para o Guarani. O referencial teórico sustenta-se por meio dos estudos de Munduruku, com a contribuição no campo da Literatura Infantil Indígena e, também, conta com as pesquisas de Dorrico e Kambeba por intermédio de suas obras teóricas e de Literatura Indígena. A metodologia tem caráter qualitativo, com lentes que a aproximam da etnografia. A partir da aproximação da cultura Kubeo, fez-se possível produzir uma história: "Kubai, o Encantado", com traduções para o Guarani.*

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura Infantil Indígena, Mitologia Kubeo, Povo Kubeo, Língua Guarani.*

ABSTRACT: *Indigenous children's literature is part of the country's cultural heritage and can/should be offered to children of all cultures. The path of histories is trodden since the creation of the world; and these stories come when told by the elders. This paper is a cutout of a broader research and aims to highlight and analyze, in a synthetic way, what has been produced in*

---

[1] Esta pesquisa contou com financiamento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

[2] Mestranda em Educação na linha de pesquisa Educação Especial, Saúde e Inclusão, pelo PPGEdu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: raquelramosmao@gmail.com

[3] Professora na FACED e PPGEDU/UFRGS. É coordenadora do Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar – NEPIE/FACED/UFRGS desde 2007. E-mail: freitascrd@gmail.com

[4] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora da rede municipal de ensino na cidade de Porto Alegre. E-mail: maurentezzari@gmail.com

[5] Mestranda em educação na linha educação especial, saúde e processos inclusivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: jeruzanobre76@gmail.com

indigenous children's literature, culminating in the elaboration of an indigenous children's history translated into guarani. The theoretical framework is supported through Munduruku's studies, with the contribution in the field of Indigenous Children's Literature; it is also supported by the research of Dorrico and Kambeba through their theoretical works and Indigenous Literature. The methodology has a qualitative character, particularly approaching an ethnography. From the approximation of the Kubeo culture, it was possible to produce a history: "Kubai, the Enchanted", with translations for Guarani.

KEYWORDS: *Indigenous Children's Literature, Kubeo Mythology, Kubeo People, Guarani Language* .

ÑEMOMBYKY : *Ko kuaxia pará indigena kuery káxo kyringue peguá ma há'eve onhemboaxa agua kyringuei joegua he'y pe teim. Ymã gua káxo ma peteim tapé onhemoim yvy rupa oiko jave oguä kyringue'i pe tujakue omombe'ua gui. Kov'e artigo ma ipengue ojejaya peteim oikuaa pota ve va'e kue gui gua, hae vae gui onhemoexakã porã ve agua ko ojeapo kuaxia pará kyringue indígena kuery peguara, ogueru káxo kyringue pe kuaxiá pará re Guarani ayvu py. Kovae referencial teórico ma ogueru Munduruku nhembo'ea gui, onhepytyvo avei käxo kyringue pegua reve há'e onhemombe'u avei Dorrico Kambeba oikuaa potaa gui ojapo va'e kuegui teóricas ha'e kuaxiá káxo indigena peguá. Onhemombe' u pora vea ko oikuaa potaa gui ko kuaxia pará kyringue pe gua oexa pora ve agua haei gu ve. Há'e guima ma onhemoguãe ve Kubeo reko regua re, hae va egui ojeapo peteim káxo: Kubai, Mba'emo re ija'e vaí va'e, onhembopara Guarani ayvu py.*

AYVU NHE'E: *Kuaxia pará indigena kuery, Kubeo reko, Kubeo régua, Guarani ayvu py.*

Introdução

Juntar uma letra com outra como se estivessem entrelaçadas em um fio de *tucum*[6], poder sentir o colorido que a trama da palavra traz.

Esse texto tem Raquel como voz primeira (e as demais a acompanham), mulher, amazonense, indígena e pertencente ao povo *Kubeo*[7]. Um povo transnacional entre fronteiras, cuja ancestralidade é anterior a essas delimitações geopolíticas. O povo *Kubeo*, situado na região amazônica do rio Uaupés, tem sua origem no mito da Cobra-Canoa ou Canoa da Transformação, que subiu o rio do Universo.

Estabelecemos como objetivo, para o presente artigo, destacar e analisar, de maneira sintética, o que se vem produzindo em literatura infantil indígena, culminando na elaboração de uma história infantil indígena com tradução para o Guarani.

O aporte teórico no qual se sustentam os conceitos desenvolvidos neste estudo advém da abordagem fundamentada no conceito de culturas indígenas. A partir de Silva e Franco (2020, p.356), entendemos que a cultura indígena, algumas vezes, é referida como "inferior, mas, na verdade, é apenas diferente". Ter acesso às belezas culturais dos povos originários nos acrescenta muita riqueza. A história "Kubai, o Encantado" foi produzida no âmbito do Multi/UFRGS[8] e conta com tradução para a língua Guarani, possibilitando a aproximação intercultural.

Percurso metodológico

> "Nós somos as pessoas mais pesquisadas do mundo" (SMITH, 2018, p. 13).

As palavras de Smith nos convocam, indicam-nos um fato: apesar de as comunidades indígenas serem muito pesquisadas, em geral, as suas narrativas são feitas por terceiros — os antropólogos — em uma lógica eurocêntrica. Ao se depararem com os costumes de outros povos, experimentavam um estranhamento, pois a realidade encontrada distanciava-se daquela ideia de "índio puro"[9] que, infelizmente, ainda habita o imaginário da sociedade brasileira

Neste artigo, acompanhamos Raquel trazendo parte de sua pesquisa, estabelecida em primeira pessoa, buscando o rumo de garantir a palavra, a reflexão, sem desrespeitar quem constrói "novas epistemologias" (BANIWA, 2011). Quebram-se, assim, as perspectivas que

[6] A fibra do "*tucum*" é uma fibra vegetal extraída da folha da palmeira *Astrocaryum chambira Burret*, muito comum na região amazônica.

[7] Povo autodenominado *Kubéwa* ou *Pamíwa*. Possui uma língua da família Tukano Oriental, sendo, por isso, algumas vezes classificada como Tukano Central. No Brasil, ocupa três povoados no Alto Uaupés e está em pequeno número no Alto Aiari. Uma das especialidades artesanais é a fabricação das máscaras de *turur*i, uma fibra natural vegetal.

[8] Disponível em: <https://www.ufrgs.br/multi/>.

[9] A ideia de "índio puro" é a forma de referir aos indígenas baseando-se no estereótipo de que vivem ainda conforme os costumes de 1500.

até então tinham como marca a ausência das contribuições das narrativas ancestrais em primeira pessoa.

Nesse sentido, as leituras realizadas (de artigos, dissertações, teses e livros) tomaram movimentos nos quais um fio nos levou a outro, tecendo uma trama.

> Do ponto de vista metodológico, [...] não houve pesquisa sistemática de literatura, mas busca artesanal a partir de artigos conhecidos, cujas referências levaram a outros artigos e assim por diante. Também foi usado assistematicamente o recurso da busca de trabalhos recentes que citaram artigos considerados focados centralmente na temática [...] (TESSER e DALLEGRAVE, 2020, p. 3).

Dito isso, destacamos que, com relação à abordagem, a natureza da pesquisa foi qualitativa. A sustentação metodológica constituiu-se no encontro crescente com procedimentos que tomaram como referência a pesquisa etnográfica, uma vez que se levou em consideração o objeto da etnografia de acordo com a concepção de Mattos (2011). Conforme a autora:

> Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia, é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo. [...] O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural (MATTOS, 2011, p. 53-54).

Dessa forma, a abordagem etnográfica teceu-se no mergulho em culturas indígenas. Com a imersão junto aos parentes (de Raquel) no Rio Grande do Sul por intermédio, principalmente, do Centro de Referência Afro-Indígena do Rio Grande do Sul, fomos experimentando aproximações e leituras. E nesse entrelaçar dos fios surgidos no processo metodológico da pesquisa, passou-se a construir o pertencimento étnico, uma voz para contar a história de Kubai, para contar a história dos povos originários, para contar a história de Raquel (e também a história de todas nós).

Descobrimos o mito do Kubai ao assistir ao documentário *El Retorno del Cubai*[10], realizado em 2012, e que se encontra disponível no *youtube*. Nesse documentário, apresenta-se, em animação, o mito de Kubai, história pertencente à mitologia do povo indígena *Kubeo.*

[10] A escrita é diferente devido à variação linguística, dependendo da localidade geográfica. Também é escrito *Kuwai*. No documentário de origem colombiana, é Cubai. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=miRLD_-IhUk&ab_channel=LuzAdriana>. Acesso em: 04 set. 2020.

Buscamos, de igual modo, aproximações com diferentes etnias, o que gerou diversas trocas. Pelas crianças da etnia Kaingang, por exemplo, fomos presenteados (participantes da pesquisa) com desenhos e grafismos que se tornaram fontes de inspiração. Consideramos relevante destacar que, atualmente, a etnia Kaingang pertence a um dos cinco povos originários mais populosos do país e se encontra distribuída em cerca de 30 áreas indígenas em diferentes estados, tais como: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (GONÇALVES, 2007).

Dessa forma, nesse processo de imersão, buscamos a história do mito assim como o aprofundamento nos grafismos. A história de Kubai se transformará em livro com a utilização de tradução para o Guarani. Como já mencionamos, a adaptação da história de Kubai desenvolveu-se junto ao grupo Multi e será apresentada a seguir.

A história de Kubai

A aproximação com o mito de Kubai, posteriormente adaptado em conjunto com o grupo Multi, também aconteceu por tessituras. Fez-se imprescindível revisitar as narrativas indígenas e os livros infantis publicados por indígenas com histórias próprias das suas culturas para crianças a fim de que pudessem subsidiar pedagogicamente a pesquisa.

O ponto de partida foi a história de Kubai, divindade da cosmologia indígena, que também pode ser chamado de Encantado. Os que narram a Cosmologia dos povos indígenas do Alto Rio Negro, que abrange também os povos da Colômbia, são chamados povo *Kubeo.* A história narrada é aquela dos Encantados, ou seja, seres protetores e transmissores dos saberes ancestrais, dos rituais e das festas.

Dentre os elementos culturais do povo *Kubeo*, destacamos, também, a importância dos Encantados. Os saberes culturais foram transmitidos por esta figura do Encantado Kubai, como as vestimentas, as artes em plumarias para a confecção dos cocares. Aspectos importantes expressam-se nas pinturas e nos grafismos, na bebida como o *caxiri*, nas danças, no tocar de flautas e de tambores.

Conforme Wrigth (2017),

> Os primeiros ancestrais foram incluídos em todas as partes do corpo de Kubai. Os Baniwa, dos rios *Aiari* e *Içana,* afirmavam que os significados das tradições de Kubai têm a ver com a continuidade cultural, a transmissão de cultura e conhecimento, a partir de ancestrais patrilineares e mais velhos para seus descendentes vivos, especialmente os recém-iniciados (WRIGTH, 2017, p. 333).

Segundo Luciano (2011), “as mitologias indígenas revelam que as diferentes forças, energias e espíritos que regem o mundo são partes constitutivas da mesma natureza que precisam agir com equilíbrio, harmonia, reciprocidade e complementariedade” (LUCIANO, 2011, p. 14).

Apresentamos, a seguir, uma imagem do documentário *El Retorno del Cubai (2012).*

Figura 1: Kubai e a criação do mundo

Fonte: El Retorno del Cubai (2012).[11]

[**Descrição da imagem:** (início da descrição) ilustração do personagem Kubai, que possui um olho só do tamanho da cabeça, que é redonda; ele é de cor preta. Em pé, segura nas mãos uma caixa marrom e entrega para um outro ser de cor amarela e com semelhantes características (fim da descrição).]

Como vimos, Kubai é um ser diferente dos seres humanos. Possui apenas um olho, chega na terra e participa da criação de elementos importantes da natureza, como os rios e as florestas e, na sua interação com as pessoas do povo Kubeo, apresenta-lhes alguns elementos culturais, como o tipo de moradia, o modo de vestir, celebrar, comer, beber e dançar.

Kubai é um ser de características divinas dos seres encantados que fazem parte da vida cotidiana do povo indígena na maloca. Constrói, planta e festeja junto. As vivências na maloca e na floresta são ponto forte da transmissão dos costumes.

Literatura infantil indígena

Munduruku (2014) nos ajuda a pensar a importância de dar visibilidade às histórias:

> […] beira uma centena de títulos. São aproximadamente quarenta autores e autoras que lançam livros com alguma regularidade. Há centenas de "escritores indígenas anônimos" que mantêm blog, sites, perfis nas redes sociais. Há entidades indígenas preocupadas em utilizar a escrita como uma arma capaz de reverter situações de conflito, denunciar abusos internos e externos, mostrando que a literatura — seja ela

[11] Filme Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/miRLD_-IhUk>.

> entendida como se achar melhor — é, verdadeiramente, um novo instrumental utilizado pela cultura para atualizar a Memória ancestral (MUNDURUKU, 2014, p. 181)

Na educação básica, o conhecimento das tradições e da história dos povos indígenas é garantido por meio da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos indígenas nas instituições de ensino no Brasil. A partir de 2008, os livros de autoria indígena publicados possibilitaram que um número significativamente maior de crianças tivesse acesso à literatura indígena, o que também vem sendo trabalhado pedagogicamente nas escolas.

Ressaltamos que, sob a ótica das relações étnico-raciais, iniciou-se a "efetivação de (novas) práticas pedagógicas no currículo escolar, mais especificamente no âmbito do ensino de história, literatura brasileira e educação artística" (BRANDILEONE e VALENTE, 2018, p. 199).

As histórias indígenas dirigidas ao público infantil apresentam o mundo indígena aos pequenos. Nesse encontro entre literatura e cultura, a ancestralidade indígena ocupa um lugar de destaque e isso acontecerá conforme o grupo étnico ao qual a história pertence.

> São importantes para essa cultura princípios como: conhecimento, sabedoria — diferentes hábitos e tradições ensinados de pai para filho; mitos, mistérios — histórias que revelam sua maneira de pensar, morada — perto do rio e da mata para garantir alimento e subsistência a toda a comunidade; caça, pesca, coleta — desde pequenos veem e aprendem maneiras de prover seus alimentos (MARTINS e GOMES, 2010, p. 164).

Tais conhecimentos transmitem-se pela oralidade. Márcia Kambeba, autora indígena, cantora e contadora de histórias, destaca a importância das narrativas orais, pois constituem e transmitem, de uma geração a outra, a herança de cada povo. Conforme expressa Kambeba (2018):

> A cultura dos povos indígenas é um verdadeiro livro que vem sendo escrito há gerações e que muitos se debruçam em querer conhecer. Os povos transmitiam seus conhecimentos pela oralidade e pelos desenhos que faziam nas pedras e em seus artefatos, como vasilhas feitas de cerâmicas, potes etc. Os grafismos tinham seu significado e eram de fácil leitura e interpretação entre todos (KAMBEBA, 2018, p. 39).

A literatura indígena e o modo de ser indígena estão particularmente ou coletivamente relacionados a um ativismo nativo, dos primeiros habitantes do Brasil. Um dos pioneiros nas publicações de livros de autoria indígena, neste país, é Olívio Jekupé em obras — como *A terra*

dos mil povos: história indígena do Brasil — que buscam valorizar essa literatura.

Jekupé realiza, desse modo, a retomada das narrativas antes feitas por brancos, referidos como *juruakuery*.

> Já pensou: faz tantos séculos que o Brasil foi dominado pelos juruakuery, não índios em guarani, e desde aquela época tudo o que se fala sobre nossos parentes é escrito por eles. Eu não via isso como algo interessante, porque nós temos que contar nossas histórias para nossos filhos (JEKUPÉ, 2018, p. 46).

Dessa forma, buscamos, neste artigo, fazer um convite para se achegar, ficar junto ao redor da fogueira e escutar tal sabedoria do mesmo modo como faziam nossos antepassados. Essa é uma *poranduba,* palavra da língua indígena *Nheengatu,* que significa conversa.

Ao percorrer os caminhos da literatura infantil indígena, deparamo-nos com as criações do escritor e *parente* Daniel Munduruku[12]. Atualmente, o autor possui cerca de 53 livros publicados. De acordo com suas próprias palavras, são livros, "na sua maioria, voltados para crianças e jovens, que é o público que eu escolhi por ser um educador de formação, e por desejar trazer para as pessoas um pouco de inspiração, um pouco da fantasia que habita os seres da floresta" (MUNDURUKU, 2020)[13].

Nas histórias apresentadas nos livros de Daniel Munduruku, tais momentos das vivências na aldeia são de contribuição coletiva "pela retomada da figura dos mais velhos, do lugar da aldeia, do tempo da infância e costumes indígenas, para resolução de conflitos identitários ou para o partilhamento de lembranças" (BARROS, 2014, p. 29).

Para alguns leitores, é possível causar estranhamento histórias que contam sobre alguns hábitos integrantes dos contos e, à sua maneira, são carregadas de afetividade, desde o contar sobre uma pescaria ou hábito de mulheres se sentarem nos pátios de suas casas para catar piolhos.

Fazemos aqui o convite para conhecer mais sobre a literatura infantil indígena, tendo como disparador de aproximação o povo do qual Raquel é descendente, ou seja, a etnia Kubeo.

Buscamos, na mitologia tradicional do povo Kubeo, inicialmente socializada por meio da tradição oral, a história do mito de Kubai (*Kúwai),* "personagem responsável pela criação da humanidade" (PEDROSO, 2019, p. 125), como muitos outros povos nativos brasileiros.

Neste artigo, optamos, do mesmo modo, por traduzir a história que foi desenvolvida em língua Guarani. Essa foi a língua escolhida por possuir vínculo com o território do Rio Grande do Sul, onde desenvolvemos a pesquisa.

---

[12] Daniel Munduruku é um escritor que recebeu vários prêmios literários, como o Prêmio Jabuti pela obra "Coisas de Índio - Versão Infantil". Fonte: Currículo Lattes de Daniel Munduruku Monteiro Costa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1346640850059252>.

[13] MUNDURUKU, Daniel. **A Amazônia na minha literatura** (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4MrtTfdpWI>.

Há um comparativo quanto aos estilos de linguagem entre as culturas dos povos nativos e da cultura ocidental no que tange à forma ou sobre o que é validado como escrita. Tal comparativo ocorre pelo fato de os povos nativos serem considerados, até então, povos ágrafos, sem escrita, por não dominarem o sistema de escrita e os grafemas da língua portuguesa, quando falamos de Brasil.

Procuramos olhar para as linguagens que não são consideradas como letradas, dos povos nativos, e que fazem parte da história e da cultura. E, juntamente com as narrativas, os grafismos se constituem em códigos para escrita e leitura àqueles que os conhecem e sabem interpretá-los. São signos de pertencimento étnico, tanto individuais quanto coletivos.

> Segundo o censo do IBGE de 2010, os mais de 305 povos indígenas somam 896.917 pessoas. Dessas, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, elas correspondem a aproximadamente 0,47% da população total do país. Uma boa parte dessa população vive fora das terras indígenas. Estes são hoje conhecidos como indígenas urbanos ou urbanizados. É importante notar que existem aproximadamente 53 grupos que ainda vivem isolados, isto é, não têm contato com a população não indígena (MUNDURUKU, 2019, p. 11).

Conforme as culturas dos 305 povos originários registrados no Brasil, entendemos que, antes de uma escolarização, a educação realizava-se pela herança ancestral para, somente depois, chegar aos livros impressos, dando assim "a origem do gênero literário nas narrativas e mitologias provenientes da oralidade" (GOLDEMBERG e CUNHA, 2002, p. 204).

Daniel Munduruku costuma encantar os leitores com suas histórias por meio das ficções e de um mundo fantástico, sendo capaz de dialogar tanto com as crianças quanto com os adultos. Dentre os assuntos abordados, podemos perceber o convite tanto à sensibilidade quanto ao respeito e à ressignificação do papel das pessoas indígenas na sociedade.

De acordo com Bergamaschi e Gomes (2012), os professores são desafiados a tratar sobre as culturas indígenas e, ao mesmo tempo, se questionarem sobre como essa abordagem é feita. Dessa maneira, implica responsabilidade esse papel de educador para a interculturalidade. Os autores indagam: "Adianta haver uma lei que cria a obrigatoriedade se são poucos os professores preparados para levar adiante esse estudo com a abordagem que merece?" (BERGAMASCHI e GOMES, 2012, p. 54).

> Se os povos indígenas empreendem esforços para concretizar o diálogo intercultural, nos levam a pensar que se a proposta educacional é conviver e efetuar trocas com as sociedades indígenas, a escola terá que fazer um esforço para conhecer esses povos, sua história e sua cultura e, mais especialmente, afirmar uma presença

> que supere a invisibilidade histórica que se estende até o presente (BERGAMASCHI e GOMES, 2012, p. 55).

Antes mesmo de as culturas indígenas se encontrarem amparadas pela legislação educacional, as pessoas indígenas já promoviam a educação no sentido intercultural por meio das trocas de saberes culturais com outros grupos étnicos. Nas escolas indígenas, igualmente, ensinam-se conteúdos sobre tal afirmação identitária. Isso é refletido tanto nos livros didáticos quanto nos paradidáticos.

> [...] é na aldeia que se encontra sua única possibilidade de sobrevivência, quer como grupo, etnia, quer individualmente. [...] O fato é que entra na composição dos livros uma imagem de organização social, representada pelo desenho da aldeia, que se encontra presente sobretudo naqueles elaborados pelos índios que mantem um vínculo mais forte com a tradição, por exemplo, os maxakalis. A aldeia passa a significar, assim, a imagem do tempo em que as coisas ocorrem de forma justa, e o espaço em que cada coisa se coloca no seu lugar próprio (ALMEIDA e QUEIROZ, 2004, p. 222-223).

As informações que estavam direcionadas a uma pedagogia indígena agora têm novos sujeitos para a experimentação de outras formas de perceberem o mundo do outro ou se perceberem nessa perspectiva, visto que crianças indígenas, também, estão nas cidades e frequentam a sala de aula juntamente com crianças de diversas origens.

A literatura infantil indígena, ou literatura indígena para crianças, pode oferecer-se às crianças de diversas culturas. Daniel Munduruku, que possui a maioria de suas obras publicadas direcionada ao público infanto-juvenil, afirma: “Costumo dizer que escrevo filosofia para crianças de todas as idades. Um adulto, se quiser ler meus livros, terá que fazer um exercício para ouvir suas vozes ancestrais. Isso as crianças fazem sem esforço” (MUNDURUKU, 2020, p. 103).

Alguns educadores indígenas, como Márcia Kambeba, Auritha Tabajara e Daniel Munduruku, são conhecidos no meio escolar por também serem contadores de histórias e por contribuírem na formação de professores.

Daniel Munduruku, por exemplo, começou a produzir livros na intenção de que mais crianças tivessem acesso às histórias. Nas palavras dele,

> Um dia, eu estava contando histórias para um grupo de crianças pequenas. Narrava uma que havia escutado do meu avô. Era uma história comovente. No final, uma menina levantou o dedo e me perguntou: “Tio índio, onde posso encontrar essas histórias para eu ler?”. Fiquei sem jeito, pois não sabia o que responder. Mas isso foi como se um interruptor fosse ligado em minha

> cabeça: eu tinha que difundir aquelas histórias (MUNDURUKU, 2016, p. 2).

A trajetória de Daniel Munduruku permeia-se tanto pela experiência em aldeias quanto pela formação como professor. E foi na sala de aula que ele também utilizou a prática de contação de histórias. No livro *Histórias que eu gosto de contar* (2005 - editora Callis), Munduruku apresenta os indígenas como os grandes contadores de histórias. Segundo o escritor,

> As histórias que os indígenas contam falam das origens do universo, da humanidade e de como uma sociedade pode se organizar. Eles são grandes contadores de histórias, e para conhecermos mais os povos indígenas, nada melhor do que sabermos algumas de suas histórias (MUNDURUKU, 2019, p. 33).

A literatura infantil indígena contemporânea brasileira existe e vem sendo socializada em livros impressos com a finalidade de manter e de preservar a cultura dos povos de diferentes etnias. Segundo Ely Ribeiro de Souza (2018), ou, como é conhecido no ativismo indígena, Ely Macuxi, "as produções da literatura indígena das décadas de 80 e 90 foram primeiramente dirigidas aos próprios grupos étnicos, para formação dos mesmos nas aldeias" (SOUZA, 2018, p. 52).

Essa literatura começa a chegar às escolas a partir da Lei nº 11.645/2008, já abordada aqui, que tornou obrigatório o ensino da "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Ressaltamos que o currículo escolar passou a contemplar muito da literatura de autores indígenas, como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Cristino Wapichana, Olivio Jekupe, Aline Kayapó, Rosi Wikhon.

Destacamos, da mesma forma, que, para responder à nova demanda das escolas e, principalmente, tornar a literatura indígena conhecida, surgiu a Livraria Maracá[14], com curadoria especializada e no formato online, que se tornou referência no acesso às publicações de autoria indígena. Nesse sentido, possui no catálogo pelo menos 29 autores indígenas de diferentes localidades do Brasil.

No que se refere à literatura infantil indígena, a Livraria Maracá conta com uma seção chamada leitor curumim, destinada a crianças de zero a seis anos, com 12 títulos de autores como Werá Jeguaka Mirim, Cristino Wapichana, Eli Macuxi, Tiago Hakiy e Lia Mirápoty.

A literatura infantil indígena: do oral ao registro escrito

A literatura infantil indígena, como vimos, está em processo de se constituir em meios outros para além do oral. Dessa forma, torna-se condicionante, para conhecer de fato a literatura infantil indígena, saber

[14] A Livraria Maracá é uma livraria on-line especializada em literatura indígena produzida no Brasil. Disponível em: <https://www.livrariamaraca.com.br/>.

sobre as autorias. Dorrico (2018) argumenta que "a leitura das obras desses autores de etnias diferentes coopera para o conhecimento de diferentes lugares de fala cuja expressão se anuncia a partir da própria alteridade" (DORRICO, 2018, p. 230).

O papel dos autores indígenas é uma das principais particularidades da perspectiva do lugar de fala e dessa mesma fala enquanto ancestralidade. "Na literatura indígena brasileira, os escritores e escritoras empenham-se em esclarecer que a cultura indígena é formada por diferentes grupos que possuem tradições e práticas diversas entre si" (DORRICO, 2018, p. 230)

Na busca por produções científicas, dissertações e teses que abarquem a retomada do lugar de protagonismo indígena na área literária, citamos a dissertação de Francis Mary S. da Rosa, intitulada *Tekoá: a literatura indígena e suas linhas de fuga*, que apresenta "a literatura contemporânea como uma linha de fuga em meio ao campo literário nacional" (ROSA, 2016, p. 11).

Também, em pesquisa de produção científica, mencionamos a dissertação de Ronélia Nascimento, cujo título é *Ser Criança na Comunidade Munduruku* (2015), que apresenta a infância das crianças de uma comunidade do Povo Munduruku, analisando as relações sociais desses sujeitos. A autora relaciona com as narrativas de Daniel Munduruku quando escreveu o livro *Karú Tarú – o pequeno pajé*, "contando em sua literatura sobre um menino que nasceu com o dom para ser pajé, esse dom é identificado desde o nascimento pelo pajé da aldeia que a criança havia nascido com um dom especial" (NASCIMENTO, 2015, p. 138)

Assim, recorremos à magia que as palavras evocam, dos vários tipos de história que podemos conhecer: aventura, poesia, cordel, da vivência real e da ficção. Viajar na ancestralidade: "na visão Guarani, por exemplo, a palavra tem alma" (GRAÚNA, 2013, p. 171).

Uma história indígena: Kubai, o encantado

> Era uma vez Kubai, um ser encantado, aventureiro e curioso,
> que criava coisas usando a magia das palavras.
> Certa vez, em um lugar distante e escuro, ele falou: "Que belas folhas coloridas se façam sentir". Criando, em seguida, uma linda floresta.
> No meio daquelas enormes árvores, teve outra ideia: "nesta floresta podem ter animais".
> E de repente, o primeiro surgiu: era grande e com pelos macios, era uma onça alegre e observadora.
> Kubai percebeu, do alto das árvores, que ainda faltavam sons por ali,
> e brincando com palavras, criou pássaros cantantes.
> O pássaro mais colorido logo lhe entregou um lindo cocar, agradecendo pela liberdade de voar. Kubai olhou para baixo, e sentindo o chão terroso sob seus pés,

> percebeu que havia um lago sendo feito: era a anaconda que rastejava inventando uma trilha.
> Então, Kubai, o Encantado, seguiu o caminho e chegou às águas refrescantes do Rio Negro, onde mergulhou até lá o fundo e continuou a criar e brincar.
> O que será que ele vai inventar agora? [15]

A história de Kubai vem sendo transmitida oralmente desde o começo do mundo conforme a tradição do povo *Kubeo*, particularidade que deu origem à transmissão da sabedoria dos antigos e da cultura como é conhecida hoje e, sob a responsabilidade de nossos pajés, chega até a geração contemporânea.

Segundo a etnografia do povo *Kubeo*[16], sob o ponto de vista da cosmologia, o Kubai representa a categoria de "heróis míticos cujos atos ou com cuja ajuda a ordem do cosmos foi estabelecida" (CORREA, 1997, p. 23). Assim, as formas de organização e de histórias de grupos como estes mostram como as sociedades indígenas movem-se pela magia dos mitos, a ancestralidade.

Figura 2: Vídeo da Contação da História de Kubai

Fonte: Multi (https://www.ufrgs.br/multi/com).

[**Descrição da imagem:** (início da descrição) em foto horizontal da interface da plataforma de vídeos YouTube, aparece Raquel Kubeo e o desenho do personagem Kubai ao lado dela. Na parte inferior da imagem, há o título do vídeo: Contação da História Kubai, O Encantado (fim da descrição).]

[15] A história "Kubai, o encantado" pertence à cultura do povo *Kubai* e é de domínio público. Foi reescrita por integrantes do grupo MULTI/NEPIE/UFRGS que vem desenvolvendo pesquisa sobre livros em multiformato. As autoras são: RAMOS, Raquel; FREITAS, Cláudia; FREITAS, Sheyla; TEZZARI, Mauren e BERTACO, Isabelle, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/multi/>.

[16] Etnia indígena da região do Alto Uaupés; os membros autodenominam-se Kubéwa ou Pamíwa. Possuem uma língua bem particular da família Tukano Oriental. Fonte: <indios.org.br/pt/Povo:Tukano/>. Acesso em: 04 set. 2020.

Kubai, o encantado: tradução na língua guarani

A literatura dos povos indígenas e a perspectiva da revitalização das línguas de cada povo, na concepção da interculturalidade desta pesquisa, são importantes para o próprio acesso à história indígena infantil. Tal iniciativa abre caminhos possíveis para um intercâmbio cultural que envolve diferentes modos de se comunicar.

A ideia para abordar o bilinguismo na história de Kubai associa-se, também, ao respeito enquanto direito constitucional, autonomia e autodeterminação dos povos originários no Brasil. Porém, o bilinguismo, conforme aponta Baniwa (2019), já foi usado com propósito etnocida:

> Tratava-se de um bilinguismo de transição, ou seja, de usar as línguas indígenas para facilitar o ensino da língua portuguesa e das 34 ideologias dos colonizadores e, com isso, facilitar o processo de colonização, dominação, transição e extinção. Ou seja, para que os índios, uma vez falantes da língua portuguesa, abandonassem suas línguas originárias, e junto, as culturas e tradições (BANIWA, 2019, p. 34).

Ressalta-se que as consequências das violências coloniais com relação às línguas nativas são praticamente irreparáveis. De acordo com Baniwa (2019, p. 174), atualmente, os grupos remanescentes se constituem em "375 povos originários, falando 275 línguas, portadores de saberes milenares e administradores de 13% do território nacional".

Entretanto, mesmo com essas multiplicidades de línguas, no Brasil, a língua portuguesa está estabelecida como língua oficial em detrimento às outras línguas. Logo, não há comprometimento com uma pluralidade linguística. Além disso, os meios de comunicação trabalham como se todas as pessoas fossem fluentes na língua padrão:

> Não é à toa que, hoje em dia, por exemplo, muitos desses falantes, principalmente os jovens citadinos, influenciados por veículos de comunicação em massa, como a televisão e, mais recentemente, a internet, sentem-se estimulados a utilizar mais frequentemente a língua portuguesa (TREVISAN, 2017, p. 20).

Em contrapartida, a proposta da história de Kubai para a literatura bilíngue parte da ideia de diversidade e de inclusão. Para isso, igualmente, pensou-se nas traduções em línguas indígenas e, dentre elas, escolheu-se uma, pois não seria possível tal trabalho nas 275 reconhecidas.

Para a tradução, como já informado, escolheu-se a língua guarani por ser a língua materna da etnia Mbya Guarani, com a qual estabelecemos relação de convívio por meio do Centro de Referência Afro-Indígena do Rio Grande do Sul.

Como já mencionado anteriormente, a partir do documentário *El Retorno del Cubai,* que mostra localidades como Mitú, na Colômbia, tomamos conhecimento do mito Kubai.

Adentrando na importância desse ser mitológico, tivemos acesso à tese de Diego Rosa Pedroso (2019), intitulada *O que faz um nome: etnografia dos Kubeo do alto Uaupés (AM)*. A partir de sua análise, possibilitou-se seguir para o passo seguinte: o desenvolvimento de uma história infantil.

Assim, nosso protagonista é o ser encantado e mitológico Kubai, personagem que vai criando os elementos da natureza, ou melhor, a floresta, os animais e o rio.

No livro *Histórias que eu ouvi e gosto de contar*, Munduruku (2004) escreve sobre o sentido de ancestralidade e os seres encantados que, para a cultura ocidental, passam como invisíveis:

> Acordar o povo brasileiro para suas raízes ancestrais. É desejo de trazer para o coração das crianças e dos jovens a mágica da fé em seres invisíveis e encantados que habitam seus sonhos, seus jogos e suas brincadeiras. É desejo de lhes dizer que tudo isso é verdadeiro. Que a verdade está principalmente em coisas que nossos olhos não veem (MUNDURUKU, 2004, p. 9).

Dessa forma, tornou-se urgente, para nós, pensar em um livro com a história de Kubai, que está sendo desenvolvida junto ao grupo Multi/NEPIE/UFRGS.

Kubai e a tradução para a língua guarani

Figura 3: Kubai

Fonte: Grupo MULTI/UFRGS

[**Descrição da imagem:** (início da descrição) fotografia com fundo azul, onde está centralizado um personagem. Ele é um ser de características não humanas, possui o corpo todo na cor preta, tem uma cabeça com um olho grande e centralizado nela, também possui dois braços e duas pernas, pisando sobre o chão de grama verde (fim da descrição).]

A história de Kubeo recebeu a tradução em Guarani em razão da imersão que se deu com as artesãs Guarani Mbya das aldeias de Cantagalo e de Itapuã, no coletivo de mulheres indígenas artesãs do Centro de Referência Afro-Indígena do Rio Grande do Sul.

A tradutora da história para a língua Guarani foi Neusa Poty Quadros, que é uma indígena da etnia Guarani Mbya. É professora de língua e cultura Guarani da Mbya Aldeia Tekoa Palmeirinha e integrante da comissão Guarani Yvyrupá.

Os Guaranis possuem grande diversidade na organização de seus subgrupos e são reconhecidos, no Brasil, em três deles pelos nomes: Mbya, Kaiowá e Ñandeva. Durante a pesquisa realizada, foi feita a aproximação com a cultura Mbya presente no estado do Rio Grande do Sul. Convém destacar, ainda, que os Guaranis Mbya, de igual modo, encontram-se na região sudeste do Brasil desde o litoral até a Mata Atlântica, como também no Paraguai.

> Os Mbya conservam uma linguagem ritual, extremamente elaborada, ayvu porã, expressão traduzível como belas palavras, revelada pelas divindades aos dirigentes espirituais, a partir de um vocabulário e conceitos muito próprios (MIRIM, 2019, p. 102).

A seguir, apresentamos a tradução da história de "Kubai, o encantado" para a língua guarani:

Figura 4 – QR code da História Kubai, O Encantado em Guarani

Escute a história de "Kubai, O Encantado", usando o QR Code ao lado

Fonte: Grupo Multi UFRGS.

Kubai, o encantado em língua guarani
Kubai iporayu va,'e

Era uma vez Kubai, um ser encantado, aventureiro e curioso, que criava coisas usando a magia das palavras.
Teimgue manje kubai, peteim ovy'a va'e mba'emore ipy'a guaxu ha'e oporexa va'e, ojapo oexã'ã va'e iparagui.

Certa vez, em um lugar distante e escuro, ele falou: "Que belas folhas coloridas se façam sentir". Criando em seguida uma linda floresta.

Peteimgue mombyry oiko Javé yjayvu: -Yvyra rogue porã joegua he'yn va'e tojejapo. Ha'erire oiko peteim ka'aguy porã.

No meio daquelas enormes árvores, teve outra ideia: "nesta floresta podem ter animais". E de repente o primeiro surgiu: era grande e com pelos macios, era uma onça alegre e observadora.
Ha'eva'e yvyra kuery mbyte py oiko peteim tekoa. Ha'eva'e ka'aguy py oiko va'erã vixo'i kuery, ha'rã oiko vixo'i ijypyguare, tuvixa va'e, ague yxyim Porã va'e. Peteim xivi ovy'a va'e ha'e oma'em ma'em oikovy va'e.

Kubai percebeu, do alto das árvores, que ainda faltavam sons por ali e brincando com palavras criou pássaros cantantes.
Kubai oexã'ã vy, yvyra ary katy gui, oatama mba'emo onhendu nhendu va'e. Ha'e ipara va'e gui rive ojapo guyra'i iporã va'e kuery.

O pássaro mais colorido logo lhe entregou um lindo cocar agradecendo pela liberdade de voar.
Peteim guyra'i iporã va'e ome'em akã regua iporã va'e ovevea oguerovy'a vy.

Kubai olhou para baixo e sentindo o chão terroso sob seus pés percebeu que havia um largo rastro sendo feito: era a anaconda que rastejava inventando uma trilha.
Kubai oma'em yvy katy ha'e ipyre oendu yvyre a, ha'e peça peteim hape tuvixa va'e, mboi guaxu onhembotyryry va'ekua ojapo ha'eva'e hape.

Então, Kubai com seus encantamentos seguiu a trilha da anaconda e chegou às águas refrescantes do Rio Negro, onde mergulhou lá no fundo e continuou a criar e brincar.
Ha'e rã kubai mboi guaxu rape tipo oo, oguãe peteim yyguaxu porã py, ha'epy ho'yta ha'e onhevanga opamba'e ojapo apy oiko.

O que será que ele vai inventar agora?
Mba'e ju ayn ojapo rã?

A história em duas línguas: português e guarani

A história de "Kubai, o Encantado" traduzido do português para uma língua indígena faz parte do projeto para tornar acessível a leitura às crianças que não dominam o português e, ao mesmo tempo, têm contato com a escrita da língua Guarani. São recursos que viabilizam o trabalho de professores de alfabetização na perspectiva de educação intercultural.

A leitura, nessa abordagem, abre caminho à revitalização das línguas indígenas, uma vez que, até o momento, tais línguas não ocupam o mesmo patamar da língua portuguesa no Brasil. O Guarani, por exemplo, não é língua oficial no município de Porto Alegre. Logo, o ensino

da mesma fica concentrado nas áreas de aldeia, tendo, também, poucas produções literárias na língua nativa.

Planejamos adequar a história de Kubai em livro em formato bilíngue português-guarani, haja vista que as crianças poderão dividir o mesmo livro e conhecer uma cultura indígena com características diferentes, pois culturas indígenas são plurais como apresentamos nos dados da etnia Guarani Mbya.

O livro intercultural é um instrumento que promove a troca de conhecimentos das diferentes culturas, conhecimento da língua portuguesa e guarani de modo contextualizado. Nesse sentido, promove a equidade, permitindo movimento de empoderamento cultural de forma coletiva.

O resultado esperado a partir da oferta da história de Kubai, de forma bilíngue, será o de permitir um novo significado às formas que os leitores podem ter acesso à literatura. Garantir o direito à leitura e o direito à preservação das culturas de povos originários do Brasil é algo que pode e deve ser buscado uma vez que enriquecerá todos os públicos.

Considerações finais

Kubai, no meio das enormes árvores, teve outra ideia!

Assim, igualmente, sentimo-nos em muitos momentos no decorrer da realização desta pesquisa: "com muitas ideias" em meio a enormes possibilidades que surgiam. Kubai é um dos muitos personagens pertencentes ao imenso território das histórias infantis que os indígenas contavam em volta de uma fogueira ou, simplesmente, em rodas. Kubai traz o espírito de aventura que tem a possibilidade de encantar as crianças em um mergulho na literatura infantil indígena.

Estabelecemos como objetivo para este artigo destacar e analisar, de maneira sintética, o que vem sendo produzido em literatura indígena, culminando na elaboração de uma história infantil indígena com tradução para o Guarani.

O povo *Kubeo* vive neste país desde quando ele se chamava Pindorama — terra das palmeiras, em tupi-guarani. Durante muito tempo, as culturas indígenas viveram somente nas falas e nas memórias de cada povo, sendo consideradas pelo colonizador, em uma perspectiva eurocêntrica, como não cultura, primitiva, subalterna, inferior. Deriva daí a imposição da língua portuguesa pela catequização dos povos originais: a resistência das línguas indígenas, infelizmente, não foi possível para todos os povos remanescentes.

Das histórias vividas somente nas palavras dos indígenas, hoje é possível ter acesso ao universo indígena por meio de livros escritos por indígenas. Daniel Monteiro da Costa, da etnia Munduruku, Daniel Munduruku, é um precursor desse movimento literário que resgata e oferece uma literatura infantil indígena. Daniel Munduruku apresenta uma

vasta produção; são mais de 50 publicações, nas quais podemos encontrar histórias mitológicas de etnias distintas. Por exemplo, no livro Contos indígenas Brasileiros, temos histórias mitológicas de guaranis (descendentes da mesma narrativa mitológica — a cobra canoa — que os kubeos).

O escritor Olívio Jekupé, além de escrever e de publicar literatura infantil indígena, propõe que essa "forma" de literatura tenha o nome de literatura nativa. Yaguaré Yamã, representante da literatura nativa, introduz o bilinguismo em seus livros, ou seja, oferta suas histórias em português e em tupi moderno.

A escritora indígena Márcia Kambeba, além de publicar suas histórias, mantém a tradição oral na forma de contação. Kambeba não somente é uma contadora de histórias, assim como é uma das defensoras da necessidade de se ter mais autores indígenas circulando nas salas de aula, tanto nas cidades quanto nas aldeias, pois acredita em um grande ajuri literário. Ajuri é uma expressão comum na Amazônia e pode ser traduzido/compreendido por "mutirão".

As correlações entre o que já foi produzido na literatura indígena publicada e as lembranças desde a oralidade da cultura *Kubeo* foram estabelecidas. Porém, assumimos que não tiveram um 'fim', pois adentrar na literatura que já está publicada é entrar (retornar) não só à cultura *Kubeo*, mas às culturas dos povos originários, às nossas raízes. Quando afirmamos que não tiveram um 'fim', queremos dizer que, a partir de agora, a cada livro de literatura infantil indígena que formos ler, colocaremos as lentes das correlações. Ecoam vozes que já foram caladas.

Da criação do mundo, a partir de uma mitologia indígena, para a criação de um livro. Nesse movimento, foram consultadas desde as memórias de povo como uma memória coletiva, luta dos autores indígenas, das histórias indígenas baseadas na oralidade, assim como material disponível na internet, onde conhecemos os documentários de Luz Adriana, retratando o dia a dia dos povos do alto Uaupés. E ali estava Kubai.

A produção da história de "Kubai, o Encantado" ofereceu-se em duas línguas para proporcionar o acesso também à língua Guarani para os que desconhecem essas línguas do "nosso" país, se pensarmos em um país inclusivo, e, também, para que crianças falantes de Guarani possam acessar o português de forma mais lúdica, distante de um passado de imposição.

O processo de produção da história, a escrita, assim como as traduções em outras línguas, envolveu diversas pessoas de etnias diferentes. Por exemplo, não indígenas participaram, contribuindo na criação da história de Kubai; educadores indígenas contribuíram com a tradução em língua Guarani. Convidamos a todas essas pessoas para um ajuri!

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz** – as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFMG, 2004.

BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BARROS, Ivanilde de Ima. **O desejo de navegar e as âncoras na tradição:** memória e identidade em Daniel Munduruku. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2014.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. **Estud. Aceso. Bras. Contemp.,** Brasília, n. 53, pág. 199-217, abril de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000100199&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 dez. 2020.

CORREA, François. **Los Kuwaiwa:** Creadores del universo, la sociedad y lla cultura. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1997.
DORRICO, Julie; DANNER, Lenno Francisco; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea:** criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ 438indigena>.

EL RETORNO del Cubai. Direção de Luz Adriana Quigua. Produção de Izabel Cristina Torres. 2012. (47 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://youtu.be/miRLD_-IhUk>. Acesso em: 22 nov. 2020.

GOLDEMBERG, Deborah; CUNHA, Rubelise da. Literatura indígena contemporânea: O encontro das formas e dos conteúdos na poesia e prosa do I Sarau das Poéticas Indígenas. In: DORRICO, Julie; DANNER, L. F; DANNER, F. (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea:** autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 119-128. Disponível em: <https://www.editorafi.org/765indigena>.

GONÇALVES, Solange Aparecida. **Aspecto no Kaingang.** 2007. 219p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268995>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza, 2013

JEKUPÉ, Olívio. (2018) Literatura Nativa. In: DORRICO, Julie; DANNER, Lenno Francisco; DANNER, Fernando. (Orgs.). Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 37-38.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie; DANNER, Lenno F; DANNER, Fernando. (Orgs.). **Literatura**

indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 119-128. Disponível em: <https://www.editorafi.org/765indigena>. Acesso em: 27 set. 2020.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real**: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MARTINS, Aracy; GOMES, Nilma Lino. Literatura infantil/juvenil e diversidade: a produção literária atual. In: RANGEL, E.G.O.N & ROJO, R. (Org.) **Coleção explorando o ensino:** Língua Portuguesa (p. 141-170). Ministério da Educação, 2010.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A. (orgs.). **Etnografia e educação:** conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MIRIM, Jera Poty. Os raios luminosos: povo guarani mbya. In: NEGRO, Mauricio (org.). **Nós:** Uma Antologia de Literatura Indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. p. 93-103.

MULTI. **Literatura infantil para diversidade:** livros acessíveis táteis, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/multi/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que ouvi e gosto de contar**. São Paulo: Calles, 2004.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (Org.). **Ensaios em interculturalidade:** literatura, cultura e direitos de indígenas em época de globalização. Campinas: Mercado de Letras, 2014. v. 1. p. 173-183.

MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de índio:** uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3. ed. São Paulo: Callis, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **A Amazônia na minha literatura** (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4MrtTfdpWI&t=31s&ab_channel=DanielMundurukuku>. Acesso em: 22 nov. 2020.

NASCIMENTO, Ronélia. **Ser criança na comunidade Munduruku.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Mato Grosso. Cáceres, 2015.

PEDROSO, Diego Rosa. **O que faz um nome:** etnografia dos Kubeo do Alto Uaupés (AM). Tese. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

ROSA, Francys Mary Correia da. **Tekoa:** A literatura nativa e suas linhas de fuga. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia. Alagoinhas, 2018.

SILVA. Ivone Jagnigri da; e FRANCO, Sérgio Roberto Kielin. **Educação Kaingang e educação escolar Kaingang**: um exemplo de bem estar e bem viver. Espaço Ameríndio. Porto Alegre/RS - Brasil. 2020. v. 14, n. 2 (2020) Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/100653

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias:** pesquisa e povos indígenas. Tradução: Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SOUZA, Ely. Ribeiro. (2018). In: Literatura indígena e direitos autorais. In: DORRICO, Julie; DANNER, Lenno Francisco; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea:** criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 37-38. Disponível em: <https://www.editorafi. org/438indigena>.

TESSER, Charles Dalcanale; DALLEGRAVE, Daniela. Práticas integrativas e complementares e medicalização social: indefinições, riscos e potências na atenção primária à saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, e00231519, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0102-311X2020000903001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2020.

TREVISAM, Rodrigo Godinho. **Tradução comentada da obra Le Petit Prince, de Antoine de Saint-Exupéry, do francês ao nheengatu.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

WAPICHANA, Cristino. Por que escrevo? – relato de um escritor indígena. In: Literatura indígena e direitos autorais. In: DORRICO, Julie; DANNER, Lenno Francisco; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea:** criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 37-38. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>.

WRIGTH, Robin. As tradições sagradas de Kuwai entre os povos aruaque setentrionais: estruturas, movimentos e variações. **Mana,** vol. 23, nº 3, Rio de Janeiro, Set./Dec. 2017.

Recebido em: 08/02/2021 * Aprovado em: 01/12/2021 * Publicado em: 23/12/2021